**A ÉTICA DA ALTERIDADE:
APROXIMAÇÕES TEÓRICAS COM A PEDAGOGIA**

Edson Carvalho Guedes (Professor Coordenador – CE/DFE/PROLICEN)

Vívia de Melo Silva (Professora Colaboradora – CE/DFE/PROLICEN)

Adah Kethlyn Braz (Boslista/PROLICEN)

Bruna Kedman Nascimento de Souza Leão (Bolsista/ PROLICEN)

Lívia Maria Montenegro da Silva (Voluntária /PROLICEN)

Rosicleide de Araújo Andrade (Voluntária /PROLICEN)

**INTRODUÇÃO**

Este texto é resultado da pesquisa desenvolvida por um dos projetos do programa institucional da Universidade Federal da Paraíba de valorização da Licenciatura (PROLICEN), intitulado *Competências éticas no fazer pedagógico,* no ano de 2013. Participam deste projeto professores e alunas do curso de Pedagogia. A primeira fase da pesquisa consistiu no estudo dos textos que dão fundamentação teórica ao tema central de nossa investigação: *a ética da alteridade*.

 O principal objetivo desta pesquisa foi o de compreender as bases filosóficas da *ética da alteridade* concebida pelo filósofo Emmanuel Lévinas para identificar algumas competências éticas que permeiam as ações desenvolvidas nas interações dos profissionais da educação que lidam diretamente com o alunado. Nesta comunicação, limitamo-nos à fundamentação teórica, uma vez que a pesquisa de campo compreende a segunda fase de nossa investigação.

A ética se mostra como uma questão de grande relevância quando se propõe pensar sobre as práticas pedagógicas. Todavia, diante da variedade de discursos acerca do problema ético, faz-se necessário delimitar o campo de investigação, bem como justificar a perspectiva teórica com a qual optamos desenvolver nossa pesquisa.

 A primeira aproximação que fazemos acerca da ética da alteridade, proposta por Lévinas, é com base no seu livro intitulado *Totalidade e Infinito*. Nosso propósito, ao estudar, essa obra, foi buscar os fundamentos ou referenciais filosóficos que pudessem orientar nossa compreensão acerca da categoria *alteridade*. Lévinas não apresenta de forma direta e clara um conceito de *alteridade*. A reflexão construída em *Totalidade e Infinito* trata de um duplo movimento da existência humana: o primeiro que ele chama de *essencial* ou *totalizante*, em que o Eu está centrado em si próprio; e o movimento que ele faz *para além de si mesmo,* de compromisso e responsabilidade para com o outro, resultado de um desejo, denominado por Lévinas de desejo do *Infinito.*

**1. LÉVINAS E A CRÍTICA AOS DIRCURSOS TOTALIZANTES DA
 FILOSOFIA OCIDENTAL**

A crítica proposta por Emmanuel Lévinas a respeito do primado da ontologia na filosofia ocidental, reside na concepção de sistemas de totalização que implicam em filosofias neutras que tendem à compreensão e captação do Outro e, consequentemente, na negação de sua alteridade. Neste sentido, a solução encontrada por ele, para romper com esta filosofia violenta e opressora, foi o de buscar outra forma de pensar (fora da matriz ontológica grega), que concebe *a ética como filosofia primeira*.

Apesar da herança grega, cuja filosofia estava centrada na concepção platônica do ser, e da influência exercida por seus mestres Husserl e Heidegger, Lévinas começa a questionar uma série de categorias filosóficas. Dentre elas, merece destaque a noção de Eu e de Totalidade. Segundo Lévinas,

a face do ser que se mostra na guerra fixa-se no conceito de *totalidade* que domina a filosofia ocidental. Os indivíduos reduzem-se aí a portadores de formas que os comandam sem eles saberem. Os indivíduos vão buscar a essa totalidade o seu sentido (invisível fora dela) (LEVINAS, 2008, p. 8 – grifo nosso).

Entretanto, para desenvolver o novo modo de pensar que Lévinas objetivava precisaria cometer aquilo que Derrida (*apud* FORTE, 2006, p. 143) chamou de “parricídio”, ou seja, matar o “pai” grego, desconstruindo assim o modelo de filosofia totalizante por meio de outra linguagem, um pensamento “outro”, denominado de *escatologia*, referindo-se por sua vez a algo para *além da totalidade.*

 Para Lévinas, a linguagem que melhor irá expressar o enigma ou o Infinito nesse movimento de ir além da Totalidade, será o *rosto de outrem.* O outro é, portanto, algo que eu não domino, porque traz em si uma expressão que o excede e excede o meu pensamento. A resposta do Eu ao outro não poderá ser outra do que a *acolhida* e a *responsabilidade.* Se é no Dizer que acontece a relação com o outro, o que se coloca como prioridade não é apreensão das ideias individuais de cada um, mas sim a dinâmica do discurso, através do encontro transcendente entre os homens.

**2. PROPOSTA FILÓSOFICA DE LÉVINAS**

Lévinas traz a proposta de desconstruir o pensamento totalitário grego, apresentando na construção da sua filosofia, a tradição dos textos talmúdicos judaicos. Na sua concepção, a tradição grega acaba negando a alteridade do Outro, tratando-o de maneira impessoal, como se fosse um ser neutro, ou seja, “sem rosto”, enquanto que a tradição talmúdica busca aproximação do homem com uma verdade viva, que é a palavra, e isto acontece na relação ética entre o Eu e o Outro.

Para ele, a compreensão filosófica da tradição grega visa a manutenção de uma lógica de dominação e neutralização que implica na alienação e consequente perda da autonomia do Outro, na tentativa de redução ao seu estado de Mesmo. Desta maneira o que ocorre são relações de imposição e opressão, não havendo espaço assim, para o estabelecimento de relações de alteridade e responsabilidade.

**2.1 A responsabilidade**

O outro é um alguém que clama por uma resposta do Eu, podendo ser negativa ou positiva. Sendo positiva, configura-se uma relação de responsabilidade ética. O rosto do outro é expressão do Infinito e diz além do que se mostra. Lévinas (2008) diz que o ser é vulnerabilidade, é passivo, não escolhe ser responsável, ele apenas é, pelo fato de existir.

A responsabilidade do eu para com o outro é insubstituível, intransferível. É esta responsabilidade que nos torna reféns do outro, mas não alienados por ele. No entanto, a responsabilidade com o Mesmo, é a responsabilidade primeira, e só a partir daí é possível que se tenha responsabilidade por outrem. Nota-se, então, que a responsabilidade ética constitui um duplo movimento: entre o ser consigo mesmo, sendo este um movimento em que o eu não opta por exercer; e o ser com outrem, movimento que depende diretamente do primeiro, visto que a responsabilidade por si mesmo é fundamental para a manutenção da vida, para existência do ser, e neste caso, o eu responde, acolhendo ou não ao apelo do outro.

**2.2 Desejo metafísico ou desejo do Infinito**

O movimento que permite a experiência da hospitalidade ou de acolhimento para com o Outro, torna-se possível quando o Eu, movido por um desejo metafísico, cuja essência é a própria invisibilidade, vai em direção a ideia do Infinito, que passa por sua vez, a se materializar no frente a frente com *Outrem*.

Lévinas parte do princípio de que cada ser humano carrega dentro de sim um desejo metafísico. Este também chamado de desejo do Invisível ou do Infinito, não almeja o outro (coisa ou objeto do mundo), nem o Outro (pessoa), mas sim o *absolutamente Outro*.

Lévinas concebe a ética como uma responsabilidade do Eu diante de Outrem. Responsabilidade que o Eu não pode se furtar. No encontro face a face não há necessidade da reciprocidade, pois o que predomina é a bondade, resposta do Eu ao desejo pelo Infinito.

**3 A ÉTICA DA Alteridade**

Lévinas concebia duas atitudes filosóficas: a primeira seria a busca da verdade em que se procurava integrar na Totalidade tudo o que se apresentava; a outra atitude seria aquela que conservava a relação com o Outro, ao qual Lévinas chama de Infinito.

A manifestação do Infinito no Outrem se revela *emblemática*  na noção de rosto. Lévinas irá dizer: “o modo como o Outro se apresenta, ultrapassando a ideia do Outro em mim, chamamo-lo, de facto, rosto” (LÉVINAS, 2008, p. 38).

#### A alteridade indica a presença de um Outrem que não se anula na relação. Independentemente da verdade ou mentira que ele venha a dizer, o seu rosto já é expressão. Lévinas compreende que a alteridade, enquanto relação ética, é anterior a qualquer afirmação, seja ela verdadeira ou falsa. O signo verbal é posterior à expressão do rosto.

#### A relação de alteridade, na perspectiva levinasiana, não significa defender uma relação de cumplicidade ou intimista, fechada na relação “Eu-Tu”. Daí porque não podemos considerar a linguagem como simples relação *intersubjetiva*, compreendida como relação entre sujeitos (Sujeito1 – Sujeito2). A alteridade implica relação com Outro e não apenas um outro Eu (Tu ou Ele). Lévinas não reconhece essa simetria.

A relação de alteridade ou ético-metafísica apresentada por Lévinas instaura no tempo (sem que esteja restrito a ele) a possibilidade de uma relação para além da essência, portanto metafísica, sem eliminar o caráter material da existência. Lévinas inicia sua argumentação, procurando “desconstruir” a ontologia enquanto discurso e evento fundamental, não para negar a sua importância ou validade, mas para colocá-la no seu lugar, ou seja, como fundamento do Mesmo ou da Totalidade, mas jamais como fundamento do que está para além. O “para além” é próprio da *metafísica*, pois somente esta é apropriada para tratar do Outro e do Infinito. Uma filosofia, portanto, que esteja disposta a tratar “do outro modo que ser” terá que ser ética e não ontologia.

**4. A NOÇÃO DO TERMO *COMPETÊNCIA* E SEU EMPREGO NO
 ÂMBITO EDUCACIONAL**

Tendo em vista que as competências têm sido um conceito muito discutido no âmbito escolar e profissional, propõe-se compreender o seu significado na concepção de Perrenoud (1999), Zabala e Arnau (2010) e Le Boterf (1994), situando o papel da educação frente a este novo tipo de aprendizado.

 A competência teve sua primeira tendência na educação associada à pedagogia dos objetivos e aliada a um modelo instrucionista, cuja formação estava focada nas finalidades ou no desempenho, ou seja, seria “como um processo de produção das capacidades necessárias ao exercício das atividades sociais e profissionais que os formandos exercerão no final de sua formação” (MALGLAIVE *apud* RAMOS, 2002, p.225).

 Segundo Perrenoud (1999), as competências são constituídas por um conjunto de três elementos (Conhecimentos, Habilidades e Atitudes - CHA), que são mobilizados no intuito de resolver e solucionar problemas específicos através de três tipos de2 recursos: biofisiológico, afetividade e criatividade.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROSPECTIVAS**

 O principal objetivo desta pesquisa foi o de identificar, à luz da ética concebida pelo filósofo Emmanuel Lévinas, as competências éticas que permeiam as ações desenvolvidas nas interações dos profissionais da educação que lidam diretamente com o alunado. Para alcançar esse objetivo, dedicamo-nos, antes de tudo, ao estudo da filosofia levianasiana, mas especificamente, a obra intitulada *Totalidade e Infinito,* com o intuito de compreendermos o significado da ética da alteridade construída pelo autor.

 Os estudos realizados nos permitiram compreender que a principal crítica formulada por Lévinas à filosofia ocidental refere ao seu caráter totalizante, de reduzir ao Mesmo tudo que se mostra plural ou diverso. Ficou claro que a proposta filosófica do autor foi a de construir uma filosofia que, apesar de fazer uso da linguagem grega, apontasse um movimento existencial antropológico para além da própria essência, uma espécie de um *novo humanismo*, voltado para o cuidado do outro.

 Segundo Lévinas, é justamente esse sair de si e ir ao encontro do outro numa atitude de cuidado e responsabilidade que compreende aquilo que ele chamou de *ética da alteridade*, entendida como movimento de transcendência. Mas não uma transcendência que põe o ser humano em relação a uma realidade sobrenatural ou fora desse mundo, mas uma relação com o outro, nas relações sociais que são estabelecidas neste mundo.

 Por fim, tratamos do conceito de *competência* para demonstrar que a ética da alteridade não é conceito abstrato, mas pode ser compreendido como um modo de ser e de agir do ser humano, nas diversas circunstâncias da vida. A ética da alteridade, por sua vez, poderá ser verificada por meio de práticas sociais e educacionais realizadas com competências próprias da relação de cuidado, tais como gratuidade, hospitalidade e responsabilidade. Competências éticas que serão estudadas no prosseguimento desta pesquisa.

**REFERÊNCIAS**

BEHAR, P.(Org).**Competências em educação a distância**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FORTE, B. **Um pelo outro**: por uma ética da transcendência. São Paulo: Paulinas, 2006.

LÉVINAS, E. **Totalidade e Infinito***.* Tradução de José Pinto Ribeiro.Lisboa: Edições 70, 2008.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola.** Porto Alegre: Artemed, 1999.

RAMOS, M.N. **A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação?**. -2. ed. – São Paulo: Cortez, 2002.